

UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE A CONCORDÂNCIA NOMINAL EM PEDRO LEOPOLDO/MINAS GERAIS

Lília Soares Miranda SANTOS
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
liliasoaresmi@gmail.com

RESUMO: Neste estudo, analisamos a variável linguística constituída da presença e da ausência de concordância nominal entre os elementos do SN na fala de Pedro Leopoldo/Minas Gerais. Das entrevistas com os 27 informantes selecionados em função das hipóteses específicas relacionadas a fatores extralinguísticos, extraímos 1.461 dados. De acordo com os resultados dessa análise, a ausência de concordância nominal ocorre em 759 casos (o que corresponde a 52% do total dos dados), confirmando, dessa forma, a hipótese (ao lado da presença de concordância nominal a ausência de concordância nominal está ocorrendo nessa comunidade) que norteia esse trabalho. Quanto à segunda hipótese (o uso dessa variável no português falado em Pedro Leopoldo, é uma variável que se caracteriza como mudança em progresso, nos termos de LABOV (1972)) foi refutada, confirmando conclusões de estudos anteriores.

PALAVRAS CHAVES: Ausência; Concordância nominal; Sociolinguística.

1. INTRODUÇÃO

Nossa proposta é analisar a variável linguística constituída da presença e da ausência de concordância nominal de número entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal no português falado em Pedro Leopoldo/Minas Gerais. Este estudo baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972).

Este estudo se justifica pelo seguinte: a língua portuguesa no Brasil apresenta mecanismos gramaticais de flexão de gênero, de número e de pessoa. De acordo com a Gramática Tradicional (GT), a sintaxe de concordância faz com que determinadas palavras se harmonizem, nas suas flexões, com as palavras de que dependem na frase. Segundo Cunha & Cintra (1985), a concordância pode ser verbal ou nominal, dependendo dos elementos envolvidos nessa relação: a concordância verbal ocorre quando o verbo se harmoniza em número e pessoa com o sujeito (exs.: *O técnico escalou o time. Os técnicos escalaram os times.*); a concordância nominal ocorre quando há harmonia das palavras com os substantivos aos quais se vinculam (exs.: *Dois pequenos goles de vinho e um calçado certo deixam qualquer mulher...*).

Mas, ao lado da presença de concordância nominal de número, o português do Brasil (PB) apresenta casos em que essa concordância deixa de ser feita – ou seja, no PB, há evidências da ausência de concordância nominal de número, que vem sendo objeto de estudos tanto dialetológicos quanto sociolinguísticos. Entre os trabalhos realizados por sociolinguistas, merecem destaque: Poplack (1980a), que analisa a concordância nominal no espanhol de Porto Rico; Guy (1981b), que focaliza o fenômeno no espanhol de Porto Rico e no PB; Braga (1977) e Scherre (1988, 1996), que analisam a concordância nominal no PB.

1.1. Da Obrigatoriedade da Concordância Nominal

As normas relativas à concordância nominal de número em Português, consensualmente apresentadas nas gramáticas, são explicitadas aqui, considerando-se apenas alguns autores mais representativos; a essa explicitação se seguirá a síntese dos estudos variacionistas anteriormente mencionados.

Conforme Melo (1978):

A concordância nominal é a que se faz do adjetivo atributivo ou predicativo – com o substantivo a que se refere: *casa branca; menino delicado; laranjas maduras; estes homens são honestos*, “considero válidas as razões apresentadas”. Desnecessário é acrescentar que a concordância nominal se estende também com o artigo, os possessivos, os demonstrativos, os indefinidos, que tudo são determinantes do nome substantivo. (MELO, 1978 p. 222)

A Concordância Nominal, segundo Bechara (2005) pode ser de palavra para palavra ou de palavra para sentido. Assim, considerando-se o primeiro caso:

1 – Na estrutura em que há uma só palavra determinada, a(s) palavra(s) determinante(s) deve(m) se harmonizar, em gênero e número, com tal palavra (ex.: *eu amo a noite solitária e muda.*). Cabe observar que, no caso em que há uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo neste último caso, facultativa a repetição do artigo; em geral, isso ocorre com estruturas contendo adjetivos de nacionalidade (exs.: *as literaturas brasileira e portuguesa; a literatura brasileira e portuguesa; ou a literatura brasileira e a portuguesa*): 2 – Na estrutura em que há mais de uma palavra determinada, deve-se observar o gênero dessas palavras, porque: 3 - se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima (ex.: *A língua e (a) literaturas portuguesas* ou *A língua e (a) literatura portuguesa.*

No que diz respeito à concordância de palavra para sentido, conforme o referido autor, a palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a forma da palavra determinada, para levar em consideração apenas o sentido em que essa se aplica (ex.: *o (vinho) champanha, o (rio) Amazonas*).

1.2. Ausência de Concordância Nominal: Resultado de Atuação de Regra Variável

Nos estudos sociolinguísticos, a regra de concordância nominal entre os elementos flexionais do sintagma nominal é tratada como uma regra variável; ou seja, uma regra que ora se aplica, ora deixa de se aplicar, em decorrência de atuação (positiva ou negativa) de determinados grupos de fatores.

Braga (1977), analisa esse fenômeno na fala de sete moradores do Triângulo Mineiro, todos da mesma faixa etária (de 15 a 20 anos), pertencentes às classes sociais média e baixa, com escolarização de Ensino Fundamental e Ensino Médio incompletos. Ao analisar a variável presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado, a variante elemento anterior não-flexionado apresenta maior chance de aplicação da regra de concordância de número no SN do que a variante elemento anterior flexionado; quanto à variável linguística posição linear do elemento no SN, denominada distância, a autora concluiu que: “os falantes da classe baixa e média apresentam uma probabilidade mais

elevada na aplicação da regra na primeira posição com um declínio progressivo nas segunda, terceira, quarta e quinta posições” (BRAGA, 1977, p. 58-59).

Poplack (1980a), ao estudar o cancelamento do -s plural no Espanhol de Porto Rico, analisou 6.349 dados obtidos de 18 falantes adultos. Em relação ao fator classe gramatical, conclui que os adjetivos (.69) favorecem o apagamento de marcas de plural, enquanto os determinantes (.26) favorecem sua retenção.

Já Guy (1981b), partindo dos resultados obtidos em trabalhos anteriores (POPLACK, 1977; GUY, 1978) – o primeiro utilizando dados do Espanhol de Porto Rico e o segundo, dados do seu próprio trabalho sobre o PB –, compara os resultados dos grupos de fatores (classe gramatical, estudado por Poplack, e o efeito do fator posição do elemento no SN, estudado por ele).. Assim, ele conclui que o efeito do fator classe em função do fator posição é “virtualmente idêntico”, exceto na primeira posição do SN.

Scherre (1996), trata da “influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em Português”; As construções analisadas por ela foram extraídas do banco de dados do *Corpus* Censo – Rio de Janeiro. Esse banco de dados é constituído por 11.086 dados extraídos de entrevistas de 48 falantes adultos. Scherre (1996), discordando da correlação sugerida por Guy (1981b), desenvolve uma abordagem analítica que considera três fatores (posição linear, classe gramatical, marcas precedentes) separadamente, e, com base nos fatos por ela observados, verifica que tomar classe por posição ou posição por classe implica encobrir regularidades linguísticas importantes. Assim, ela propõe a introdução de uma nova abordagem analítica que dê conta da relação entre essas duas variáveis, considerando que: A relação entre a classe gramatical e a posição, em relação aos elementos não-nucleares, deve ser vista por meio da distribuição desses elementos ao redor do núcleo, sem importar nem a classe nem a posição linear, mas sim a distribuição da classe não-nuclear em relação ao centro do SN. Diante dessa proposta, após análise, conclui que: as classes não-nucleares antepostas são mais marcadas do que as pospostas; ou seja, não é o adjetivo que é pouco marcado, mas o adjetivo posposto. Nem é o quantificador que é muito marcado, mas o quantificador anteposto, razão pela qual, segundo Scherre, afirmar que a primeira posição do SN é mais marcada não é, portanto, adequado; e que os elementos nucleares não são igualmente marcados em todas as posições: na primeira e na terceira, são sempre mais marcados do que na segunda; dessa forma, ela refuta as conclusões de que o substantivo é uma das classes gramaticais menos marcadas, embora Poplack (1980a) já afirmasse que o substantivo tendia a ser mais marcado na primeira posição.

A concordância nominal também focalizada por Carvalho (1997), que analisa amostras de fala de 24 informantes, sendo 12 do sexo masculino e 12 do feminino, pertencentes à mesma faixa etária (20 a 35 anos), a classe social de baixa renda, e distribuídos em três graus de escolarização: analfabetos, de 1^a à 4^a e de 5^a à 8^a séries. Com objetivo de demonstrar se a oposição presença/ausência de marcas formais de plural nos elementos flexionáveis do SN correlaciona-se com um elenco de variáveis linguísticas: posição do elemento no SN, classe gramatical, marcas precedentes, contexto fonético e fonológico seguinte, assim como saliência fônica; e, com variáveis sociais: sexo, grau de escolarização e grau de formalismo do discurso.

De acordo com os resultados por ela obtidos, o desempenho das variáveis: posição, classe gramatical e marcas precedentes, mostra-se bastante interrelacionado. A variável posição, analisada isoladamente, evidencia que a primeira posição é quase categoricamente marcada, ocorrendo um decréscimo muito acentuado na segunda posição, corroborando, assim, hipóteses dos estudos anteriores. A classe gramatical, em relação à posição dos elementos no SN, demonstra que os determinantes são mais marcados nas duas posições e o processo comparativo entre os adjetivos e substantivos revela que os primeiros são ligeiramente mais marcados que os segundos, nas duas posições. No que diz respeito às

variáveis extralinguísticas, Carvalho (1997) verificou que a variável grau de escolarização correlaciona-se fortemente com o fenômeno estudado, porquanto à medida que se eleva o grau de escolaridade do informante, mais chance ele tem de aplicar a regra da norma de maior prestígio social. Segundo ela, as raras exceções observadas parecem se explicar pelos diferentes papéis sociais que o informante desempenha na sociedade. A variável sexo, de acordo com os seus resultados, não confirma sua hipótese de que as mulheres se aproximam mais da norma culta do que os homens, uma vez que esses demonstram maior propensão para o uso das formas consideradas mais “corretas” do que as mulheres, ressaltando que tal resultado está relacionado, provavelmente, ao engajamento deles no mercado ocupacional.

Esse mesmo assunto – a ausência de concordância nominal – foi retomado por Andrade (2003), com a utilização de dados de informantes de Tubarão, Sul de Santa Catarina, e de São Borja, Rio Grande do Sul. Os dados desse último município foram extraídos do Banco de Dados de fala do Projeto VARSUL, e os dados de Tubarão (SC) constituem amostras de textos orais cedidas pelo PROCOTEXTOS/AMUREL. Andrade (2003) utilizou dados de 24 informantes, sendo 12 de Tubarão e 12 de São Borja, considerando as variáveis idade (A e B), sexo (F e M) e escolaridade (PRI, GIN, COL). Os grupos de fatores linguísticos analisados nesse seu estudo foram: posição elementos no SN, classe gramatical dos elementos, relação com o núcleo do SN, marcas precedentes, processo morfofonológicos de formação de plural, tonicidade dos itens, e graus dos substantivos e adjetivos. Os fatores extralinguísticos, por sua vez, foram estes: idade, nível de escolaridade, sexo e cidade.

Com relação ao cruzamento de posição linear com classe gramatical, Andrade conclui que a primeira posição do SN é um fator que favorece a inserção da marca formal de plural, ocorrendo uma queda brusca, em relação às demais posições, as quais tendem a desfavorecer, de forma decrescente, a presença de marca formal de plural no SN. Contudo, Andrade aponta uma exceção que contraria sua hipótese, bem como resultados de estudos anteriores: “quando a segunda posição é ocupada por artigos e demonstrativos, esta irá favorecer mais a aplicação da regra que a primeira posição ocupada por esta mesma classe gramatical” (2003, p. 107), ressaltando que isso só ocorre com essa classe gramatical. Os substantivos na primeira posição favorecem mais a aplicação da regra do que os próprios determinantes na primeira posição, já os adjetivos desfavorecem a aplicação da regra em qualquer posição. Já os resultados do grupo de fatores relação com o núcleo, comprova que todos os elementos antepostos ao núcleo do SN são muito marcados. Em contrapartida, os elementos pospostos são pouco marcados. Em relação à classe gramatical os substantivos quando aparecem na primeira posição do SN, possuem PR maior que os determinantes na primeira posição, ao contrário da classe dos adjetivos, que desfavorece a aplicação da regra. A variável extralinguística escolaridade foi bastante significativa nesse estudo, concluindo que a presença [s] é, de forma geral, diretamente proporcional aos anos de escolarização dos falantes. Quanto à variável sexo, as mulheres marcaram mais o plural do que os homens, na cidade de Tubarão (SC); já em São Borja (RS), as mulheres e os homens o marcaram igualmente. O grupo de fatores idade não foi relevante, nesse estudo. Com base nos resultados, ela demonstra que, corroborando os trabalhos de Scherre (1988) e de Fernandes (1996), os condicionamentos da aplicação da regra de concordância de número, de acordo com a norma padrão, pouco diferem nas cidades estudadas, sendo, de certa forma, uniformes, no Português do Brasil.

Concluímos que, diante do registro dos trabalhos apresentados acima, é possível observar que o fenômeno da variação de concordância de número no PB não está restrito a uma região específica e que há estudos similares, relativos a outras línguas, realizados em outros países. Apesar de considerarem os mesmos fatores linguísticos; ou seja – posição linear, classe gramatical e marcas precedentes –, esses estudos apresentam conclusões diversas. Assim, para melhor compreensão dos fatos que representam inovação no Português

do Brasil, é de suma importância o estudo dessa variação na fala de membros de comunidades além das já pesquisada.

1.3. Pressupostos Teórico-Metodológicos

Este estudo baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994). Nessa perspectiva, assume a língua como um sistema heterogêneo e, portanto, sujeito a variação, razão pela qual não pode ser analisada isoladamente, sem se levar em conta o contexto social no qual se processa; ou seja, o aspecto humano da língua deve ser valorizado pela Linguística. Além disso, essa variação e seus condicionamentos podem representar uma mudança em progresso ou constituir uma variável estável.

1.4. A comunidade pesquisada: Pedro Leopoldo – Região Metropolitana de Belo Horizonte/Minas Gerais

De acordo com Marcos Lobato Martins (2006), segundo estudos realizados sobre as formas de ocupação dessa região, a partir das últimas décadas do século XVII bandeiras paulistas encontraram ouro e pedras preciosas na porção central de Minas Gerais, tendo início, então, rápido processo de ocupação do território mineiro. Uma dessas bandeiras, liderada por Fernão Dias Paes Leme, é associada ao momento inicial do povoamento colonial da região onde se situa o atual município de Pedro Leopoldo. Sua ocupação, porém, só se iniciou, efetivamente, quando habitantes de Pompéu se transferiram para a Quinta do Sumidouro (atualmente, logradouro do distrito de Fidalgo, de Pedro Leopoldo), local que se constitui, hoje, em importante registro histórico em que se encontram as históricas construções da casa do bandeirante Fernão Dias Paes Leme (FIG. 2) e a Capela de Nossa Senhora do Rosário, erguida por volta de 1750 (FIG. 3), uma das primeiras do Estado, cujo altar tem talhas atribuídas a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.



FIGURA 1 - Casa Fernão Dias Localizada na Quinta do Sumidouro, distrito de Pedro Leopoldo.



FIGURA 2 - Capela de Nossa Senhora do Rosário, localizada na Quinta do Sumidouro, distrito de Pedro Leopoldo.
Fonte: Acervo pessoal.

A formação desse município se deu a partir do surgimento de dois marcos em torno dos quais a cidade se desenvolveu: a Fábrica de Tecidos (1895) e a Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil (1895). Após a instalação de uma fábrica têxtil na Cachoeira dos Macacos, Antônio Alves Ferreira da Silva, em visita a essa localidade, então conhecida como Cachoeira das Três Moças, visando adquiri-la e ali instalar uma outra fábrica têxtil, realiza seu desejo e, em 1893, inicia as obras que foram concluídas em 1895, quando foi inaugurada a indústria. Nessa ocasião, também, foi inaugurada a estação ferroviária da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1895, situada a poucos metros da área dessa fábrica, do outro lado do Ribeirão da Mata. Tal estação recebeu o nome de Pedro Leopoldo, em homenagem ao engenheiro Pedro Leopoldo da Silveira, que morreu meses antes, em Sabará, e que havia sido o responsável pelo trecho da ferrovia entre Santa Luzia e Capitão Eduardo. Progressivamente, o nome da estação passou a substituir o de Cachoeira das Três Moças, na designação da localidade.

1.5. Hipóteses e objetivos

O objetivo desse estudo é testar as seguintes hipóteses: 1^a) Ao lado da presença de concordância, a ausência de concordância de número plural entre os elementos do SN está ocorrendo na cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais; 2^a) Essa variação, no PB, com base nos estudos anteriores, supracitados, é condicionada pelos fatores estruturais – elemento nuclear do SN: posição, elemento nuclear do SN: classe gramatical; elemento não-nuclear do SN: posição, elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, elemento não-nuclear do SN: presença/ausência de flexão de plural; e, pelos fatores não-estruturais: sexo, faixa etária, grupo social, escolaridade; 3^a) o uso dessa variável no Português falado em Pedro Leopoldo, é uma variável que se caracteriza como mudança em progresso, nos termos de LABOV (1972); 4^a) os moradores dessa comunidade usam mais a variante não-padrão e esse uso é mais frequente entre as pessoas com menos grau de escolaridade, e, pessoas pertencentes ao grupo social baixo (C).

1.6. Metodologia

Partindo dessas hipóteses, realizamos um estudo quantitativo baseado em *corpus* de língua falada, obtido por meio de entrevistas sociolinguísticas e utilizando uma amostra constituída por pessoas dos grupos sociais alto (A), médio(B) e baixo(C), distribuídas em três faixas etárias, a saber: J = de 17 a 23 anos; A = de 40 a 47 anos; I = acima de 60 anos; além disso, os informantes foram selecionados considerando-se diferentes níveis de escolaridade: Ensino Fundamental (F) – (completo, ou não); Ensino Médio (M) - (completo, ou não); Ensino Superior (S) - (completo, ou não).

2. RESULTADOS DA ANÁLISE

Das entrevistas que fizemos com os 27 informantes selecionados em função das hipóteses específicas relacionadas a fatores extralinguísticos, extraímos 1.461 dados, que, após serem analisados qualitativamente, foram submetidos a uma análise quantitativa por meio do programa VARBRUL. De acordo com os resultados dessa análise, a ausência de concordância nominal (doravante ACN) ocorre em 759 casos (o que corresponde a 52% do total dos dados analisados), confirmando, dessa forma, a primeira hipótese que norteia esse trabalho.

2.1.As variáveis estruturais

Dos cinco grupos de fatores estruturais, apenas dois foram apontados como significativos: elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, elemento não-nuclear do SN: presença e ausência de flexão. Em se tratando da variável elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, os resultados e comentários podem ser vistos na tabela 1, abaixo:

TABELA 1 – ACN segundo a classe gramatical dos elementos não-nucleares

Grupo de fatores	Fatores	Total de SNs	Casos de ACN	%	PR
2. Classe gramatical dos elementos não-nucleares	I. indefinido	248	100	40	.42
	R. artigo	828	452	55	.57
	D. demonstrativo	146	97	66	.74
	P. possessivo	98	58	59	.59
	A. adjetivo	136	57	35	.07
	Q. quantificador	5	2	40	.48

À primeira vista, esses resultados parecem revelar que a ACN é condicionada por elementos não-nucleares de classes gramaticais que figuram como determinantes, pois:

1º) Dentre os fatores considerados nesse grupo, apenas os adjetivos mostram-se altamente desfavorecedores da ACN (PR = .07), também desfavorecida ligeiramente pelos indefinidos (.PR = .42);

2º) Os quantificadores associam-se a valor que os aproxima de atuação neutra em relação ao comportamento da variável (PR = .48);

3º) Os artigos definidos e os possessivos (.PR = .57 e .PR = .59) favorecem bastante a ACN, e que é altamente favorecida pelos demonstrativos (.PR = 74).

Quanto à variável elemento não-nuclear do SN: presença e ausência de marca de flexão de plural não foi considerada em estudos anteriores; entretanto, neste estudo os seus resultados mostraram-se significativos, conforme se pode verificar na Tabela 2.

Adjetivo	2	11	38	51	47	91	4	9
Numeral	0	2	0	2	0	0	2	10
Possessivo	42	10	6	58	4	9	54	91
Artigo	449	3	0	452	0	0	452	10
Demonstrativo	94	2	0	96	2	1	94	99
Indefinido	89	8	3	100	3	1	97	97
TOTAL	676	36	47	759	56		703	

TABELA 4: Distribuição dos dados em função da flexão de plural nos elementos não-nucleares e nucleares relacionados de acordo com a posição do SN

	Primeira posição		Segunda posição		Terceira posição	
	Aus.	Pres.	Aus.	Pres.	Aus.	Pres.
Elemento nuclear	0 0%	5 100%	675 97%	19 3%	60 100%	0 0%
Elemento não-nuclear	0 0%	676 100%	12 30%	24 70%	43 91%	4 9%

Os resultados apresentados nas Tabelas acima mostram que:

O núcleo, assim como o não-núcleo, quando ocupam a primeira posição, apresentam 100% de marca de flexão de plural. Conforme exemplos:

(1) (não sei, mas os *serviço seus* tá correto não. (INF11RAMOMJMB);

(2) *noites fria,... dias quente...*(INF18 EDGAMISB);

(3)*peessoas honesta...*(INF3BETOMJSA)).

Já na segunda posição, ocupada principalmente pelo substantivo, este apresenta um alto índice de ausência de marca de flexão de plural 97%, acompanhado pelos adjetivos, que, também, apresentam uma alta frequência de ausência de marca de flexão de plural, ou seja, dos 11 casos que ocupam a segunda posição 9 não trazem a marca de flexão de plural em seu elemento. Por sua vez, é importante ressaltar que a classe não-nuclear (determinantes), quando ocupam a segunda posição, apresentam um comportamento diferente dos elementos nucleares (substantivo e não-substantivo) e a classe não-nuclear (adjetivos); ou seja, dos casos de determinantes quando ocupam essa posição, apresentam um percentual baixo de ausência de marca de flexão de plural 29%.Exemplos:

(4) *as série toda* (INF21VAGNMJFC);

(5)*coisas diferente dos demais* (INF3BETOMJSA)).

Na terceira posição, ocupada, principalmente, pelos adjetivos e substantivos (sendo os determinantes nessa posição: apenas 6 casos de possessivos e 3 casos de indefinidos), o percentual de ausência de flexão de plural é categórico no elemento nuclear

(100%) e quase categórico no elemento não-nuclear (97%), ressaltando que essa diferença se deve a duas ocorrências de possessivos nessa posição conforme o exemplo:

(6) *os serviço seus* (INF11RAMOMJMB)

(7) *essas muié feia...*(INF5ROSAFASA);

(8) *aqueles enxovais chiquérrimo*(INF8NILCFISA).

Diante disso, concluímos que os problemas anteriormente apontados deixam de existir, ou seja: (a) - quando são computados como casos de concordância apenas os SNs em que há presença de flexão em todos os elementos (ou seja, os casos nos quais se registra a CN nos moldes tradicionalmente previstos pelas gramáticas) e, como casos de ausência de concordância, todos os SNs em que há pelo menos um elemento sem marca de flexão, não é possível identificar o elemento (ou os elementos) que carregam a marca de flexão; (b) – A marca de flexão, pelo visto ao se considerar posição e tipo de elemento do SN, ocorre mais frequentemente nos elementos de posição em que figuram os determinantes; (c) – Assim, a contradição que constitui problema é, apenas aparente, ou seja, a verificação de que os determinantes trazem mais a marca de flexão deixa claro que:

- ❖ Se computado como caso de (ACN) o SN com o determinante com flexão, mas outro elemento sem flexão, o total de casos de ACN é obtido sem que essa flexão seja considerada e, por isso, o determinante figura como elemento favorecedor da ACN;
- ❖ Mas, se considerados todos os SNs em que há a marca de pluralidade – e, não apenas aqueles que ostentam a harmonia entre todos os seus elementos, o que significa a repetição da marca flexional de plural configurando, portanto, uma redundância – o total de casos vai ser significativamente alterado, pois serão contados todos os casos em que há determinantes dotados de marca de flexão, que dão a informação de plural logo no início do SN (na primeira posição).

2.1.2. Elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, posição em relação ao elemento nuclear

Seguindo Scherre (1996), fazemos, agora, uma análise minuciosa dos dados, procurando verificar a relação de anteposição e posposição entre o não-núcleo e o núcleo, utilizando apenas os dados de ocorrências de ACN no interior do SN. Os valores obtidos podem ser visualizados na Tabela 11, a seguir:

Tabela 5 - Distribuição das classes gramaticais não-nucleares em função da posição e da relação com o núcleo

Classe e posição	Relação com o núcleo					
	Antepos.	A	P	Posposto	A	P
Adjetivo na 1ª posição (... <u>altas paulada.</u>)	2		2	não ocorre	0	0
Adjetivo na 2ª posição (<u>os mesmos colega.</u>)	4	2	2	7	7	
Adetivo na 3ª posição (<u>uns minino marginal</u>)	não ocorre			38	38	
Total	6	2	4	45	45	0
Quantif. na 1ª posição	0			0		
Quantif. na 2ª posição (<u>os últimos dia</u> ; <u>meus primeiros ano</u>)	2		2	não ocorre		
Quantif. na 3ª posição	0			0		
Total	2		2		0	0
Possessivo na 1ª posição (<u>seus irmão</u> ; <u>minhas amiga</u>)	42		42	não ocorre		
Possessivo na 2ª posição (<u>as minhas roupa</u> ; <u>as minhas coisa</u>)	10		10			
Possessivo na 3ª posição (<u>umas foto minha</u> ; <u>todas diretora minha</u>)	não ocorre			6	4	2
Total	52		52	6	4	2
Artigo na 1ª posição (<u>os meus estudo</u> ; <u>as suas briga</u>)	449		449	não ocorre		
Artigo na 2ª posição (<u>todos os esporte</u> ; <u>todos os dia</u>)	3		3	não ocorre		
Artigo na 3ª posição	não ocorre			não ocorre		
Total	452		452		0	0
Demonstrativo na 1ª posição (<u>aqueles menino</u> ; <u>aquelas, aquela palha de capim</u>)	94		94	não ocorre		
Demonstrativo na 2ª posição (<u>aquelas, aquela palha de capim</u> ; <u>todos esse brinquedo</u>)	2	2		não ocorre		
Demonstrativo na 3ª posição	não ocorre			não ocorre		
Total	96	2	94		0	0
Indefinido na 1ª posição (<u>muitas pessoa</u> ; <u>vários curso</u> ; <u>outras coisa</u>).	89		89	não ocorre		
Indefinido na 2ª posição	8	1	7	não ocorre		
Indefinido na 3ª posição (<u>as série toda</u> ; <u>nos dias todo</u>)	não ocorre			3	3	
Total	97	1	96	3	3	
Total geral	705	5 1%	700 99%	54	52 96%	2 4%

Em função desses resultados, concluímos que os elementos não-nucleares não se comportam da mesma forma:

A – Quando antepostos ao núcleo, apresentam índice de presença de marca de flexão de plural categórico (em 100% dos casos), independentemente de serem adjetivos ou determinantes:

(9) ...eu dei altas paulada (INF20REINMJMC)

(10)...as patinha cravada (INF02JUNIMJSA)

(11)... os mesmos colega;... as próprias mão (INF24ELIAFAMC)

B – Quando esses elementos estão pospostos ao núcleo, o comportamento é totalmente o contrário; em 96% dos casos ocorre ausência de flexão de plural, sendo que os casos em que a flexão se faz presente são de pronomes possessivos:

(12) ...não sei, mas os serviço seus tá correto não. (INF11RAMOMJMB)

(13)... as série toda (INF21VAGNMJMF)

(14)... noites fria,... dias quente...(INF18 EDGAMISB)

(15)... coisas diferente dos demais...(INF3BETOMJSA)

(16)... pessoas honesta...(INF3BETOMJSA)

(17)... essas muié feia...(INF5ROSAFASA)

(18)aquelas arca grandona (INF8NILCFISA)

Em síntese, ao analisarmos as variáveis linguísticas independentes propostas nesse estudo, chegamos à seguintes conclusões:

A – Os dados analisados confirmam a nossa hipótese inicial de que, na fala de Pedro Leopoldo, a ACN entre os elementos do SN é mais frequente do que a presença de concordância entre tais elementos;

B – A ACN é condicionada por grupos de fatores estruturais – dos cinco estabelecidos, dois foram apontados como seus condicionadores.

Confirmamos, também, o que afirma Scherre (1996), ou seja: que a melhor forma de se entender a concordância nominal no Brasil é pelo cruzamento entre as variáveis posição e classe gramatical, bem como verificando a relação de anteposição e posposição do não-núcleo em relação ao núcleo.

2.2. Atuação dos fatores não-estruturais

Com relação aos fatores não-estruturais, foram considerados, na análise inicial, estes: sexo, faixa etária, nível de escolaridade e grupo social do informante. Os resultados dessa análise, diferentemente do que se esperava, apontaram o grupo faixa etária como não-significativo e, como significativos, os grupos de fatores sexo, nível de escolaridade e grupo social.

A faixa etária é o grupo de fatores que juntamente com o grupo social, serve para caracterizar a variação como caso de mudança em progresso ou variável estável. O fato desse grupo não se mostrar significativo mostra que a atuação do grupo de fatores faixa etária não fornece evidências de que essa variação poderia estar caracterizando um fato de mudança em progresso.

2.2.1. Sexo

A nossa hipótese em relação a esse grupo é a de que, ao contrário do que afirma Labov (1983) e Paiva (1992), de que as mulheres são mais sensíveis à variável padrão, não se confirma na atual década. Consideramos essa hipótese ultrapassada, uma vez que, atualmente as mulheres, ou melhor, as jovens (feminino) usam com mais frequência a variável não-padrão do que os jovens (masculino), isso ocorre, talvez, devido às atitudes sociais decorridas com o tempo. Trudgil (1974) ressalta que a língua, sendo um fenômeno social, está intimamente relacionada com as atitudes sociais, que homens e mulheres são socialmente diferentes, no sentido de que a sociedade lhes impõe diferentes papéis sociais, e, por esse motivo, deles espera diferentes padrões de comportamento. Porém, atualmente, as mulheres evoluíram, em vários aspectos (mercado de trabalho, participação política, escolaridade e, principalmente, ambiente social), e acreditamos, que esse último fator tem influenciado bastante na linguagem. Para tal comparação, apresentamos, a seguir, primeiro, a Tabela 6, contendo os primeiros resultados, depois, a Tabela 7, comparando os nossos resultados com os de Scherre (1988) e de Carvalho (1997); uma terceira Tabela 8 mostra os resultados do procedimento de cruzamento entre as variáveis sexo e faixa etária.

TABELA 6: A ACN segundo o sexo

Fatores	Totais	Ocorrências	%	PR
Feminino	949	475	50%	.44
Masculino	348	210	60%	.66
Total	1.297	685	53%	

Essa relação pode ser melhor visualizada no Gráfico 1, a seguir, que apresenta resultados, em termos peso relativo, associados aos fatores do grupo sexo.

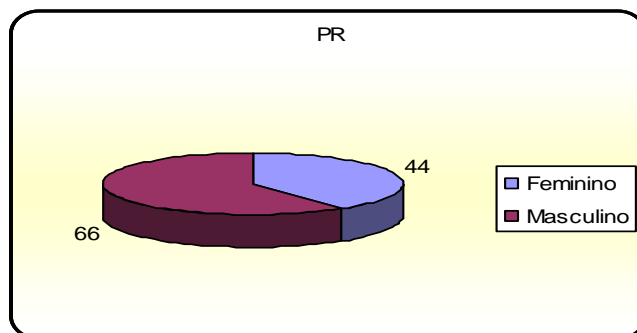


GRÁFICO 1 - A ACN segundo o sexo: masculino e feminino.

Conforme resultados apresentados na tabela 6 e no Gráfico 1 é possível constatar que os homens utilizam mais a forma linguística não-padrão (.66) do que as mulheres (.44), contrariando a nossa hipótese de que as mulheres não demonstram tanta sensibilidade em relação à forma linguística padrão, e corroborando o que atestam Labov (1983) e Paiva (1992).

Dos estudos que analisaram esse fenômeno, com exceção de Braga (1977), todos analisaram a variável sexo, na Tabela 7, a seguir, os dados obtidos na comunidade investigada são apresentados, comparando-os aos resultados de Scherre (1988), na amostra do Rio de Janeiro, e de Carvalho (1997), na amostra do Rio Branco.

TABELA 7 - A ACN segundo o sexo nas amostras do Rio de Janeiro-RJ, Rio Branco-AC e Pedro Leopoldo-MG.

	Scherre (1988)	Carvalho (1997)	Pedro Leopoldo
Fatores	ACN	ACN	ACN
Feminino	.41	.60	.44
Masculino	.59	.40	.66

Os nossos resultados corroboram os resultados obtidos por Scherre (1988), que obteve resultados inversos aos de Carvalho (1997), confirmando que as mulheres tendem a se aproximar mais da norma padrão do que os homens.

No entanto, esses resultados não confirmam a nossa hipótese de que, na atualidade, as mulheres (jovens) usam mais a variante não-padrão do que os homens (jovens), devido ao fator ambiente social. Para verificarmos se isso tem relevância na fala dos moradores dessa comunidade, procedemos ao cruzamento dos grupos de fatores sexo e faixa etária.

TABELA 8: A ACN considerando o cruzamento entre o sexo e a faixa etária.

Fatores	Feminino	Masculino
Jovem	62%	58%
Adulto	51%	75%
Idoso	50%	58%

Os resultados percentuais da Tabela 8 apontam para uma diferença irrelevante nos resultados, uma vez que tanto os homens (jovens) (58%), quanto as mulheres (jovens) (62%) usam a variante não-padrão quase que na mesma proporção; porém, quando comparamos os resultados das mulheres (jovens) com as mulheres (adultas) e as mulheres (idosas), a diferença é muito pequena (10%) para se afirmar que as mulheres (jovens) mudaram seu comportamento diante da linguagem formal padrão.

2.2.2. A influência do nível de escolaridade

A literatura específica sobre o estudo de concordância nominal de número no Brasil vem confirmando a hipótese de que, quanto mais escolarizado o informante é, maior é a sua propensão a aplicar a regra de concordância de número no SN, como também o inverso é verdadeiro; isto é, quanto menor o grau de escolarização, menor é a probabilidade de o informante usar a forma padrão de concordância nominal.

Nesse grupo de fatores, conforme já mencionamos, foram entrevistados vinte sete informantes, sendo que: nove têm nível de escolaridade Ensino Fundamental, nove têm nível de Ensino Médio e nove têm Ensino Superior. Nossas hipóteses, em relação à atuação desse grupo, são de que os moradores dessa comunidade usam mais a variante não-padrão, e de que

esse uso é mais frequente entre as pessoas menos escolarizadas; nesse caso, as pertencentes ao fator do nível de escolaridade Ensino Fundamental. Vejamos, então, a tabela abaixo, que exibe os resultados referentes à variável grau de escolaridade no PB falado em Pedro Leopoldo, através da Tabela 9.

TABELA 9 - A ACN segundo o nível de escolaridade

Fatores	Total	ACN	%	PR
Fundamental	368	280	76	.70
Médio	402	272	68	.66
Superior	527	133	25	.26
TOTAL	1.297	685	53	

Conforme podemos depreender dos dados acima, em termos de PR, os falantes pertencentes ao nível de escolaridade Ensino Fundamental atingem resultados superiores (.70), seguidos dos informantes do nível de escolaridade Ensino Médio (.66), ocorrendo uma queda brusca dos pertencentes ao Ensino Superior (.26). Confirmando, dessa forma, nossa hipótese de que quanto menor o nível de escolaridade do informante, maior a propensão que têm de fazer uso de construções com ACN. Os valores atribuídos aos fatores desse grupo aparecem em ordem decrecente: fator F > M > S, conforme resultados apresentados no Gráfico 2 abaixo:

$$PR = [.70 > .66 > .26]$$

$$\% = [76 > 68 > 25]$$

Esses resultados podem ser visualizados melhor no Gráfico 2, abaixo:

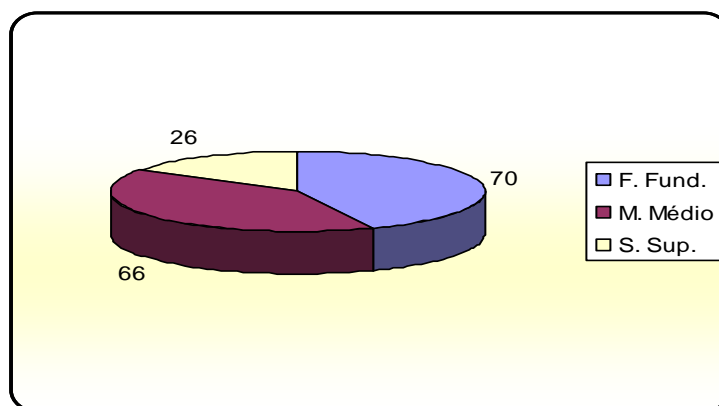


GRÁFICO 2 - ACN segundo o nível de escolaridade do informante.

A nossa hipótese de que o nível de escolaridade do falante exerce influência na preferência pela ACN se confirma; entretanto, não esperávamos que os falantes com nível de escolaridade médio apresentassem um resultado em PR tão alto, quase na mesma proporção dos falantes com nível de escolaridade fundamental e um distanciamento altíssimo em relação aos falantes com nível de escolaridade superior. Diante disso, verificaremos se a faixa etária do informante pode estar influenciando nessa preferência. Assim, para essa verificação, procedemos ao cruzamento dos grupos de fatores escolaridade e faixa etária. Esse procedimento pode ser visualizado na tabela 10, na qual apresentamos os valores em %.

TABELA 10: A ACN considerando o cruzamento entre o nível escolaridade e a faixa etária.

Fatores	Jovem	Adulto	Idoso
Superior	47%	17%	18%
Médio	67%	72%	64%
Fundamental	65%	71%	91%

Atentando para as três faixas etárias, observamos que os valores associados aos diferentes níveis de escolaridade encontrados em cada uma delas não apresentam os resultados esperados:

1. faixa etária A (adulto) e I (idoso) com nível de escolaridade superior apresentam percentuais baixos de ACN (17%) e (18%) respectivamente, por outro lado, diferente do que esperávamos, J (jovens) apresenta um percentual um pouco mais alto (47%). Esses resultados apontam que os adultos e os idosos com nível de escolaridade superior se preocupam mais com a norma padrão do que os jovens;
2. já para o nível de escolaridade médio, os resultados se equivalem; ou seja, tanto os jovens quanto os adultos e idosos apresentam resultados acima de 65% favorecendo, dessa forma, a variante não-padrão; e
3. em relação ao nível de escolaridade fundamental, os resultados mostram uma preferência altíssima em favor da ACN, sendo que os idosos a usam mais frequentemente (91%); para os adultos, o percentual é de 71% e, para os jovens, de 65%.

Diante desses resultados, concluímos que os jovens – tanto os que têm nível superior quanto os que possuem nível médio e fundamental – não se preocupam com o uso da variante padrão (presença de concordância nominal), já os idosos e adultos que possuem nível de escolaridade superior demonstram mais preocupação com forma linguística padrão. A nossa expectativa era de que todos os informantes de todas as faixas etárias que têm nível de escolaridade superior usassem com mais frequência a forma linguística padrão.

2.2.3. A influência do grupo social

Conforme afirma Scherre (2002, p. 225), as pessoas de classes com mais prestígio social têm tendência a fazer mais concordância, ao contrário das pessoas com menos prestígio social, que tendem a realizar menos concordância, embora todos os brasileiros, em maior ou menor grau, deixem de fazê-la no uso espontâneo da linguagem, em contextos sintáticos regulares. Assim, partimos da hipótese de que a variante “presença de concordância nominal entre os elementos do SN” é mais presente entre os informantes incluídos no grupo social (A e B), sendo que, no grupo (C), o que se sobrepõe é a variante “ACN entre os elementos no SN”.

TABELA 11 - A influência do grupo social A (alto), B (médio) e C (baixo).

Fatores	Totais	Ocorrências	%	PR
A - alto	544	198	36	.45
B - médio	300	130	43	.34
C - baixo	453	357	79	.67

A hipótese de que a ACN entre os elementos no SN é mais presente entre os informantes incluídos no grupo social C (baixo) se confirma. Conforme esses resultados, é possível observar que o grupo social C (baixo) é o que mais favorece o uso dessa variante: PR .67. Porém, ao observarmos os resultados dos grupos sociais A (alto) e B (médio), algo nos surpreendeu, os informantes incluídos no grupo social B (médio) apresentam um resultado mais desfavorável à ACN (.34) do que os informantes incluídos no grupo social A (alto) .45. Esperávamos que o resultado fosse $C > B > A$; no entanto, o que vemos é $C > A > B$. O gráfico 3, a seguir, reflete esse resultado.

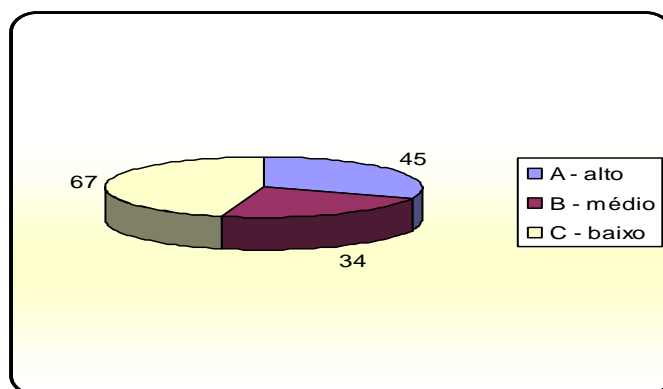


GRÁFICO 3 - A ACN segundo o grupo social do informante.

Diante desses resultados, resolvemos proceder ao cruzamento entre as variáveis grupo social e escolaridade, para verificar se o nível de escolaridade pode estar influenciando na fala dos moradores pertencentes aos grupos sociais A, B, C, nessa comunidade.

Esses resultados podem ser melhor visualizados através da Tabela 12.

TABELA 12: A ACN segundo cruzamento entre grupo social e escolaridade

Fatores	Superior	Médio	Fundamental
Alto	25%	41%	80%
Médio	27%	59%	33%
Baixo	0	75%	83%

Em síntese, concluímos que há uma considerável distância, em termos percentuais, entre os valores obtidos pelos grupos sociais alto e médio e os níveis de escolaridade. O grupo social alto, com nível superior, apresenta um resultado em percentual equivalente ao do grupo social médio. Todavia, ao compararmos os resultados dos grupos sociais alto e médio correlacionados com o nível de escolaridade fundamental a diferença em percentual é altíssima, o primeiro com (80%) e, o segundo, com (33%), apontando para uma possível causa dessa alteração na ordem esperada ($C > A > B$).

3. CONCLUSÃO

Entendemos que o estudo linguístico na zona urbana, não só em Minas Gerais, como em todo o País, é de grande relevância no âmbito da Sociolinguística. Com esse estudo, evidenciamos que o fenômeno de variação na concordância de número no PB não está restrito a uma região ou a uma classe social específica; é característico de toda a comunidade de fala brasileira. Esperamos que o nosso trabalho venha a contribuir, de alguma forma, para o avanço dos estudos sociolinguísticos neste País.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. M.. *Rupturas e contínuos da Concordância Nominal de número em textos orais de Informantes de Tubarão (SC) e São Borja (RS)*. 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade do Sul de Santa Catarina USSC, Tubarão, 2003.

BECHARA, E.. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BRAGA, M. L.. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. 1977. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1977.

CARVALHO, R. C.. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, Campinas, 1997.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F.. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FISCHER, J. L. Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas. In: FONSECA, M. S. V. e NEVES, M. F. (ufrgs.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. LABOV, W. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.

GUY, G. R.. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981. PhD Dissertation, mimeo.

LABOV, W.. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

MARTINS, Marcos Lobato. *Pedro Leopoldo: memória histórica*. 2. ed.. Pedro Leopoldo, MG: Gráfica Editora Tavares, 2006.

POPLACK, S.. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish; competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

ROSSEAU, P.; SANKOFF, D.. Advances in variable rule methodology. In: SANKOFF, D. (Ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, 1978.

SANKOFF David; CEDERGREN, Henrietta (Eds.). *Variation Omnibus*, Canadá, Linguistic Inc., p. 85-93, 1981.

SCHERRE M.M.P.. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, Giselle M. de Oliveira e;

SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). *Padrões sociolingüísticos* - análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p.41-62, 1996. Tempo Brasileiro.

TRUDIGILL, P. & CHAMBERS, J. D. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

WAGNER, N. F.. *Concordância nominal na Região Sul*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, UNISUL, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2004.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory in language change. In: LEHMANN, W. P.; MAKIEL, Y.. (Eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

IIIIIIII